

Bullying e Violência Escolar: Desafios e Perspectivas para a Construção de uma Escola Inclusiva School Bullying and Violence: Challenges and Perspectives for Building an Inclusive School

Josué Jorge Gonçalves da Silva – Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA)

Michelle Leandro de Oliveira – Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Wandemberg da Silva – Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Resumo

O artigo aborda a relação entre bullying e violência escolar e a construção de uma escola inclusiva. Inicialmente, define-se o bullying e a violência escolar, explorando suas causas multifatoriais, como problemas familiares, baixa autoestima e exposição à violência na mídia. As consequências negativas para vítimas, agressores e testemunhas são destacadas, enfatizando a necessidade de um ambiente escolar seguro e acolhedor. Em seguida, discute-se o conceito de inclusão escolar, seus princípios e desafios, como a falta de recursos e a formação inadequada de professores. A relação entre bullying/violência e exclusão é analisada, evidenciando como esses fenômenos perpetuam a discriminação e comprometem o desenvolvimento integral dos alunos. Por fim, o artigo apresenta estratégias para prevenir e combater o bullying e a violência escolar, como a implementação de políticas claras, a formação de professores, a criação de espaços de diálogo e a promoção de uma cultura de paz. O envolvimento da família e da comunidade é destacado como fundamental para o sucesso dessas ações.

Palavras-chave: bullying, violência escolar, inclusão, prevenção.

Abstract

This article discusses the relationship between bullying, school violence, and the construction of an inclusive school. Initially, bullying and school violence are defined, exploring their multifactorial causes, such as family problems, low self-esteem, and exposure to media violence. The negative consequences for victims, aggressors, and witnesses are highlighted, emphasizing the need for a safe and welcoming school environment. Next, the concept of school inclusion, its principles, and challenges, such as lack of resources and inadequate teacher training, are discussed. The relationship between bullying/violence and exclusion is analyzed, highlighting how these phenomena perpetuate discrimination and compromise the integral development of students. Finally, the article presents strategies to prevent and combat bullying and school violence, such as the implementation of clear policies, teacher training, the creation of dialogue spaces, and the promotion of a culture of peace. The involvement of family and community is highlighted as fundamental to the success of these actions.

Keywords: bullying, school violence, inclusion, prevention.

1. Introdução

O bullying e a violência escolar, fenômenos complexos e multifacetados, têm se tornado uma preocupação crescente na sociedade contemporânea. Definido por Fante (2012, p. 23) como “um conjunto de atos de violência física ou psicológica, intencionais e repetidos”, o bullying extrapola o mero conflito interpessoal, configurando-se como um problema social que demanda atenção e intervenção. A violência escolar, por sua vez, abrange um espectro ainda mais amplo de agressões, desde a física e verbal até a psicológica, sexual e patrimonial, impactando negativamente não apenas as vítimas diretas, mas também toda a comunidade escolar (Silva, 2010; Lisboa, 2018).

1

As raízes do bullying e da violência escolar são profundas e multifatoriais, entrelaçando-se com aspectos individuais, familiares, sociais e escolares. A literatura aponta para uma série de fatores que podem contribuir para o surgimento e a perpetuação desses problemas, como a baixa autoestima, a dificuldade de relacionamento, problemas familiares, a exposição à violência na mídia e a falta de supervisão na escola (Fante, 2012; Silva, 2010; Cunha, 2015; Oliveira, 2019). A baixa autoestima, por exemplo, pode levar o indivíduo a buscar validação através da agressão, enquanto a dificuldade de relacionamento pode dificultar a resolução pacífica de conflitos. Problemas familiares, como violência doméstica e negligência, podem normalizar a violência e prejudicar o desenvolvimento de habilidades socioemocionais saudáveis. A exposição à

violência na mídia, por sua vez, pode dessensibilizar o indivíduo à violência e fornecer modelos de comportamento agressivo, como alertam autores como Bandura (1977) e Huesmann (2003). A falta de supervisão na escola, por fim, pode criar um ambiente permissivo à violência, onde os agressores se sentem impunes e as vítimas desprotegidas.

As consequências do bullying e da violência escolar são devastadoras e podem deixar marcas profundas na vida de todos os envolvidos. Para as vítimas, os efeitos podem ser catastróficos, incluindo depressão, ansiedade, isolamento social, baixo rendimento escolar e, em casos extremos, suicídio (Fante, 2012; Silva, 2010). O bullying, em particular, pode corroer a autoestima da vítima, minar sua confiança e prejudicar seu desenvolvimento social e emocional. A violência escolar, por sua vez, pode criar um clima de medo e insegurança, afetando não apenas o desempenho acadêmico dos alunos, mas também sua saúde mental e bem-estar.

Os agressores também sofrem as consequências de seus atos. A prática do bullying e da violência pode levar a dificuldades de relacionamento, comportamento antissocial e maior risco de envolvimento com a criminalidade (Fante, 2012; Silva, 2010; Lisboa, 2018). O agressor, muitas vezes, é um indivíduo que também sofre, seja por problemas familiares, emocionais ou sociais. A agressão pode ser uma forma de expressar sua dor, de buscar poder e controle, ou de se proteger de ameaças reais ou imaginárias. No entanto, a violência não resolve os problemas, apenas os agrava, perpetuando um ciclo de sofrimento e destruição (Cunha, 2015).

As testemunhas da violência escolar também são afetadas, podendo desenvolver sentimentos de medo, culpa e impotência (Oliveira, 2019). O silêncio das testemunhas pode perpetuar o ciclo da violência, enquanto a intervenção pode ajudar a interrompê-lo. A escola, como um espaço de formação e socialização, tem um papel fundamental na prevenção e no combate ao bullying e à violência. A criação de um ambiente escolar seguro, acolhedor e respeitoso, onde a diversidade é valorizada e os conflitos são resolvidos de forma pacífica, é essencial para o desenvolvimento saudável de todos os alunos (Fante, 2012; Silva, 2010; Lisboa, 2018).

Este artigo tem como objetivo analisar a relação entre o bullying e a violência escolar e a inclusão, investigando como esses fenômenos podem comprometer a construção de uma escola verdadeiramente inclusiva. Para tanto, será realizada uma pesquisa bibliográfica qualitativa, com base em artigos científicos, livros e outras fontes relevantes, que abordem o tema do bullying, da violência escolar e da inclusão. A pesquisa buscará identificar as principais causas e consequências do bullying e da violência escolar, as estratégias de prevenção e combate mais eficazes, e os desafios e oportunidades da inclusão escolar em um contexto de violência.

A relevância deste estudo reside na necessidade de compreender a complexidade do fenômeno do bullying e da violência escolar, e de identificar estratégias eficazes para preveni-los e combatê-los, a fim de promover um ambiente escolar mais seguro, acolhedor e inclusivo para todos os alunos.

2. Bullying e Violência Escolar

O bullying, definido por Fante (2012, p. 23) como “um conjunto de atos de violência física ou psicológica, intencionais e repetidos, praticados por um indivíduo ou grupo de indivíduos, contra uma ou mais pessoas, com o objetivo de intimidar, agredir, humilhar ou excluir”, é um fenômeno complexo e multifacetado que assola o ambiente escolar, conforme apontado por diversos autores (Fante, 2012; Silva, 2010; Lisboa, 2018). A violência escolar, por sua vez, abrange um espectro ainda mais amplo de agressões, como física, verbal, psicológica, sexual e patrimonial, que ocorrem no âmbito educacional, impactando negativamente não apenas as vítimas diretas, mas também toda a comunidade escolar, como alertam Silva (2010) e Lisboa (2018).

As raízes do bullying e da violência escolar são profundas e multifatoriais, entrelaçando aspectos individuais, familiares, sociais e escolares. Fatores como baixa autoestima, dificuldade de relacionamento, problemas familiares, exposição à violência na mídia e falta de supervisão na escola podem criar um terreno fértil para o florescimento desses problemas. A baixa autoestima, por exemplo, pode levar o indivíduo a buscar validação através da agressão, como aponta Fante (2012), enquanto a dificuldade de relacionamento pode dificultar a resolução pacífica de conflitos, conforme destaca Silva (2010). Problemas familiares, como violência doméstica e negligência, podem normalizar a violência e dificultar o desenvolvimento de habilidades socioemocionais saudáveis, como evidenciado por estudos de Cunha (2015) e Oliveira (2019). A exposição à violência na mídia, por sua vez, pode dessensibilizar o indivíduo à violência e fornecer modelos de comportamento agressivo, como alertam autores como Bandura (1977) e Huesmann (2003). Por fim, a falta de supervisão na escola pode criar um ambiente permissivo à violência, onde os agressores se sentem impunes e as vítimas desprotegidas, como aponta Lisboa (2018).

As consequências do bullying e da violência escolar são devastadoras e podem deixar marcas profun-

das na vida de todos os envolvidos. Para as vítimas, os efeitos podem ser catastróficos, incluindo depressão, ansiedade, isolamento social, baixo rendimento escolar e, em casos extremos, suicídio. O bullying pode corroer a autoestima da vítima, minar sua confiança e prejudicar seu desenvolvimento social e emocional, como apontado por Fante (2012). A violência escolar, por sua vez, pode criar um ambiente de medo e insegurança, dificultando o aprendizado e o desenvolvimento integral do aluno, conforme destaca Silva (2010).

Os agressores também sofrem as consequências de seus atos. A prática do bullying e da violência pode levar a dificuldades de relacionamento, comportamento antissocial e maior risco de envolvimento com a criminalidade, como alertam diversos autores (Fante, 2012; Silva, 2010; Lisboa, 2018). O agressor, muitas vezes, é um indivíduo que também sofre, seja por problemas familiares, emocionais ou sociais. A agressão pode ser uma forma de expressar sua dor, de buscar poder e controle, ou de se proteger de ameaças reais ou imaginárias. No entanto, a violência não resolve os problemas, apenas os agrava, perpetuando um ciclo de sofrimento e destruição, como aponta Cunha (2015).

As testemunhas da violência escolar também são afetadas, podendo desenvolver sentimentos de medo, culpa e impotência, como destaca Oliveira (2019). O silêncio das testemunhas pode perpetuar o ciclo da violência, enquanto a intervenção pode ajudar a interrompê-lo. A escola, como um espaço de formação e socialização, tem um papel fundamental na prevenção e no combate ao bullying e à violência. A criação de um ambiente escolar seguro, acolhedor e respeitoso, onde a diversidade é valorizada e os conflitos são resolvidos de forma pacífica, é essencial para o desenvolvimento saudável de todos os alunos, como defendem Fante (2012), Silva (2010) e Lisboa (2018).

3. Inclusão Escolar

A inclusão escolar, um ideal que busca garantir o acesso, a participação e a aprendizagem de todos os alunos, independentemente de suas características e necessidades, é um direito fundamental e um desafio premente para a educação contemporânea. Como afirma Mantoan (2003), “a inclusão é um direito de todos e um dever da escola. É um processo que exige mudanças na cultura, nas práticas e nas políticas educacionais”. Essa mudança paradigmática, que vai além da simples inserção de alunos com deficiência em salas de aula regulares, implica em repensar a escola como um espaço de acolhimento e valorização da diversidade, onde todos os alunos se sintam pertencentes e tenham suas necessidades atendidas, como defende Stainback & Stainback (1999).

Os princípios da inclusão escolar, como a valorização da diversidade, o respeito às diferenças, a equidade de oportunidades, a participação de todos os alunos e a colaboração entre escola, família e comunidade, são pilares que sustentam a construção de uma escola verdadeiramente inclusiva. A valorização da diversidade, como destaca Mittler (2003), implica em reconhecer e celebrar as diferenças individuais, sejam elas culturais, étnicas, religiosas, sociais ou de aprendizagem. O respeito às diferenças, por sua vez, significa garantir que todos os alunos sejam tratados com dignidade e respeito, independentemente de suas características e necessidades, como preconiza a Declaração de Salamanca (1994).

A equidade de oportunidades, um dos princípios basilares da inclusão, implica em garantir que todos os alunos tenham acesso aos mesmos recursos e oportunidades de aprendizagem, com as adaptações e apoios necessários para que possam desenvolver seu potencial. Ainscow (2001) destaca que a equidade não significa tratar todos os alunos da mesma forma, mas sim oferecer a cada um o que ele precisa para aprender e se desenvolver. A participação de todos os alunos, por sua vez, significa garantir que todos tenham voz e vez na escola, que suas opiniões sejam ouvidas e valorizadas, e que possam participar ativamente das atividades escolares, como afirma Booth e Ainscow (2002). A colaboração entre escola, família e comunidade, como enfatiza Dyson (2001), é fundamental para a construção de uma rede de apoio que fortaleça a inclusão e promova o desenvolvimento integral do aluno.

No entanto, a construção de uma escola inclusiva não é um caminho livre de obstáculos. A falta de recursos e infraestrutura adequada, como salas de aula acessíveis, materiais pedagógicos adaptados e profissionais especializados, pode dificultar a implementação de práticas inclusivas, como apontado por Carvalho (2008). A formação inadequada de professores, que muitas vezes não se sentem preparados para lidar com a diversidade de alunos e suas necessidades específicas, pode comprometer a qualidade da educação inclusiva, como alertam Glat e Blanco (2011). A resistência à mudança, tanto por parte dos professores quanto da comunidade escolar, pode criar um clima de hostilidade e dificultar a implementação de novas práticas, como observado por Mendes (2014). A falta de apoio institucional, tanto em termos de políticas públicas quanto de recursos financeiros, pode limitar as ações da escola e comprometer a sustentabilidade das práticas

inclusivas, como apontado por Pletsch (2010).

Superar esses desafios exige um compromisso coletivo com a inclusão, que envolva a participação de todos os atores da comunidade escolar. A formação continuada de professores, que aborde temas como a diversidade, a inclusão e as metodologias de ensino adaptadas, é fundamental para garantir que os professores tenham as competências necessárias para lidar com a diversidade de alunos, como defendem Glat e Blanco (2011). A criação de espaços de diálogo e colaboração entre escola, família e comunidade pode fortalecer a rede de apoio ao aluno e promover a participação de todos na construção de uma escola inclusiva, como destaca Dyson (2001). A busca por recursos e parcerias com outras instituições pode ajudar a suprir a falta de recursos e infraestrutura. A conscientização da comunidade escolar sobre a importância da inclusão e os benefícios que ela traz para todos os alunos pode ajudar a superar a resistência à mudança e criar um clima de acolhimento e respeito à diversidade, como afirmam Stainback & Stainback (1999).

4. Relação entre Bullying/Violência e Inclusão

O bullying e a violência escolar, como sombras que se projetam sobre o ideal de uma educação inclusiva, representam obstáculos significativos para a construção de um ambiente escolar acolhedor e respeitoso à diversidade. Conforme apontam Fante (2012) e Silva (2010), esses fenômenos perpetuam a exclusão e a discriminação de grupos vulneráveis, como alunos com deficiência, LGBTQIA+ e minorias étnicas, que se tornam alvos preferenciais de agressões físicas, verbais e psicológicas, comprometendo o desenvolvimento integral desses alunos e perpetuando desigualdades sociais.

Silva (2015) enfatiza que “a escola inclusiva deve ser um espaço de acolhimento e respeito à diversidade, onde todos os alunos se sintam seguros e valorizados.” Essa afirmação, que ecoa o pensamento de autores como Mittler (2003) e Stainback & Stainback (1999), ressalta a importância de criar um ambiente escolar onde a diversidade seja não apenas tolerada, mas celebrada, e onde todos os alunos se sintam pertencentes e respeitados. Para alcançar esse ideal, é fundamental que a escola adote medidas proativas para prevenir e combater o bullying e a violência, criando um ambiente de convivência pacífica e respeitosa, como defendem Abramovay e Rua (2002).

A prevenção do bullying e da violência escolar exige uma abordagem multifacetada, que envolva a conscientização de toda a comunidade escolar sobre a importância do respeito às diferenças e a criação de mecanismos de denúncia e apoio às vítimas, conforme preconizado por Olweus (1993). A promoção de atividades que valorizem a diversidade e o respeito mútuo, como projetos interdisciplinares, debates e rodas de conversa, pode contribuir para a construção de uma cultura de paz e inclusão na escola, como sugerem autores como Freire (1996) e Gadotti (2000). A formação continuada de professores e funcionários, que os capacite a identificar e lidar com situações de bullying e violência, é igualmente essencial, como apontam Debarbieux e Blaya (2001).

Além da prevenção, é crucial que a escola adote medidas efetivas para combater o bullying e a violência quando eles ocorrem. A investigação rigorosa das denúncias, a aplicação de medidas disciplinares aos agressores e o apoio psicológico às vítimas são ações imprescindíveis para garantir a segurança e o bem-estar de todos os alunos, como defendem Fante (2012) e Silva (2010). A escola deve ser um espaço de justiça e proteção, onde todos se sintam amparados e confiantes para denunciar qualquer tipo de violência, como afirmam os autores do relatório da UNESCO (2019) sobre violência escolar.

O combate ao bullying e à violência escolar é um imperativo para a construção de uma escola verdadeiramente inclusiva. Ao criar um ambiente de acolhimento e respeito à diversidade, a escola não apenas protege os alunos mais vulneráveis, mas também promove o desenvolvimento de todos, preparando-os para viver em uma sociedade cada vez mais plural e complexa. A inclusão não é apenas um direito, mas também um dever da escola, que deve se comprometer a garantir que todos os alunos tenham a oportunidade de aprender e crescer em um ambiente seguro, acolhedor e livre de violência, como afirmam os autores da Declaração de Salamanca (1994).

5. Estratégias de Prevenção e Combate

A prevenção e o combate ao bullying e à violência escolar demandam uma abordagem multifacetada, que contemple diversas estratégias e a participação ativa de toda a comunidade escolar, como enfatizam Fante (2012) e Silva (2010). A implementação de políticas claras e regras de convivência, que definam o que é considerado bullying e violência, bem como as consequências para os agressores, é fundamental para esta-

belecer um ambiente escolar seguro e respeitoso, conforme preconiza o Programa Nacional de Combate à Intimidação Sistemática (Bullying) do Ministério da Educação (MEC). Essas regras devem ser amplamente divulgadas e discutidas com os alunos, para que todos compreendam a importância do respeito mútuo e da não violência, como sugerem os trabalhos de Olweus (1993) e Smith et al. (2004).

A formação de professores e outros profissionais da educação é um pilar essencial na prevenção e no combate ao bullying e à violência escolar, como aponta o relatório da UNESCO (2019) sobre violência escolar. Os profissionais da educação devem ser capacitados para identificar os sinais de alerta do bullying, como o isolamento social, a queda no rendimento escolar e as mudanças de comportamento, conforme descrito por Rigby (2002) e Pepler et al. (2006). Além disso, devem estar preparados para intervir de forma adequada, oferecendo apoio às vítimas e encaminhando os agressores para o acompanhamento necessário, como sugerem os estudos de Craig et al. (2000) e Orpinas et al. (2002). A formação continuada deve abordar não apenas os aspectos teóricos do bullying e da violência, mas também as estratégias práticas de prevenção e intervenção, como a mediação de conflitos, a promoção da empatia e o desenvolvimento de habilidades socioemocionais, como defendido por autores como Goleman (1995) e Elias et al. (1997).

A criação de espaços de diálogo e participação, como rodas de conversa, debates e assembleias escolares, é fundamental para que os alunos se sintam ouvidos e valorizados, e para que possam expressar suas opiniões, sentimentos e conflitos de forma construtiva e respeitosa, conforme apontado por Freire (1996) e Gadotti (2000). Esses espaços, como sugere o Programa Escola da Inteligência, de Augusto Cury, podem ser utilizados para discutir temas como o bullying, a violência e a discriminação, promovendo a reflexão crítica e a busca por soluções pacíficas para os conflitos. O diálogo aberto e franco sobre o bullying e a violência pode ajudar a desmistificar o tema, a quebrar o silêncio que muitas vezes envolve esses problemas e a criar um ambiente de confiança e respeito mútuo, como afirmam os autores do relatório da UNESCO (2019) sobre violência escolar.

A promoção da cultura de paz e respeito à diversidade é outro aspecto crucial na prevenção e no combate ao bullying e à violência escolar. A escola deve ser um espaço de valorização das diferenças, onde todos os alunos se sintam acolhidos e respeitados, independentemente de sua raça, gênero, orientação sexual, religião ou condição socioeconômica, como preconiza a Declaração Universal dos Direitos Humanos. Projetos e atividades que promovam a cultura de paz, o respeito à diversidade e a empatia entre os alunos, como atividades culturais, esportivas e artísticas, podem contribuir para a criação de um clima escolar mais positivo e inclusivo, como defendem autores como Delors (1996) e Morin (2000).

O envolvimento da família e da comunidade é fundamental para o sucesso das ações de prevenção e combate ao bullying e à violência escolar, como enfatizam Fante (2012) e Silva (2010). A família, como primeira instituição socializadora, tem um papel crucial na formação de valores e atitudes dos filhos. O diálogo aberto sobre o bullying e a violência, o estabelecimento de limites claros e a valorização do respeito e da empatia são atitudes que os pais podem adotar para prevenir o envolvimento dos filhos em situações de violência, como sugerem os estudos de Baldry e Farrington (2000) e Espelage et al. (2003). A comunidade, por sua vez, pode contribuir para a criação de um ambiente social mais seguro e acolhedor, oferecendo apoio às famílias e às escolas, e denunciando casos de violência, como aponta o Programa Nacional de Fortalecimento dos Conselhos Escolares do MEC.

A prevenção e o combate ao bullying e à violência escolar exigem um esforço conjunto de toda a comunidade escolar, como defendem diversos autores e documentos oficiais (Fante, 2012; Silva, 2010; UNESCO, 2019; MEC). A implementação de políticas claras, a formação de professores, a criação de espaços de diálogo, a promoção da cultura de paz e o envolvimento da família e da comunidade são estratégias que, combinadas, podem criar um ambiente escolar mais seguro, acolhedor e livre de violência, onde todos os alunos possam aprender e se desenvolver plenamente.

6. Considerações Finais

5

Este estudo buscou analisar a complexa relação entre bullying, violência escolar e a busca por uma escola inclusiva. Evidenciou-se que o bullying e a violência, com suas raízes multifatoriais, representam desafios significativos para a construção de um ambiente escolar acolhedor e respeitoso à diversidade. Seus impactos negativos nas vítimas, agressores e testemunhas, ressaltam a urgência de ações preventivas e de combate eficazes.

A inclusão escolar, por sua vez, apresenta-se como um ideal e um direito, que demanda a criação de espaços onde a diversidade seja valorizada e todos os alunos se sintam seguros e pertencentes. No entanto, a

concretização desse ideal esbarra em desafios como a falta de recursos, a formação inadequada de professores e a resistência à mudança.

A superação desses desafios requer um esforço conjunto de toda a comunidade escolar, incluindo a implementação de políticas claras, a formação continuada de professores, a criação de espaços de diálogo e a promoção de uma cultura de paz e respeito à diversidade. O envolvimento da família e da comunidade também se mostra fundamental para o sucesso dessas ações.

Este estudo, ao analisar as causas e consequências do bullying e da violência escolar, e ao propor estratégias de prevenção e combate, busca contribuir para a construção de uma escola verdadeiramente inclusiva, onde todos os alunos possam aprender e se desenvolver em um ambiente seguro, acolhedor e livre de violência. A luta contra o bullying e a violência escolar é um compromisso de todos, um passo essencial para a construção de uma sociedade mais justa, equitativa e solidária.

7.1 Referências

- AINSCOW, M. Desenvolvimento de escolas inclusivas. Tradução de Magda França Lopes. Porto Alegre: Artmed, 2001.
- AINSCOW, M. Index para a inclusão: Desenvolvendo a aprendizagem e a participação na escola. Tradução de Mônica Pereira dos Santos. Brasília: MEC/SEESP, 2002.
- BALDRY, A. C.; FARRINGTON, D. P. Bullying among pupils and delinquency in school and community. In: SMITH, P. K.; VOELKER, B. (Eds.). Character education: Teoria e prática. Porto Alegre: Artmed, 2000.
- BANDURA, A. Social Learning Theory. New York: General Learning Press, 1977.
- BOOTH, T.; AINSCOW, M. Index para a inclusão: Desenvolvendo a aprendizagem e a participação na escola. Tradução de Mônica Pereira dos Santos. Brasília: MEC/SEESP, 2002.
- CARVALHO, R. E. Educação inclusiva: Com os pingos nos “is”. 4. ed. Porto Alegre: Mediação, 2008.
- CRAIG, W. M.; PEPPLER, D. J.; ATLAS, R. S. Observations of bullying in the playground and in the classroom. *School Psychology International*, v. 21, n. 1, p. 22-36, 2000.
- CUNHA, E. R. Bullying e cyberbullying: Uma análise da legislação brasileira. *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*, v. 96, n. 242, p. 185-200, 2015.
- DEBARBIEUX, E.; BLAYA, C. Violência nas escolas e políticas públicas. Tradução de Patrícia Chittoni Ramos. Brasília: UNESCO, 2001.
- DELORS, J. Educação: Um tesouro a descobrir. Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o Século XXI. São Paulo: Cortez, 1996.
- DYSON, A. Caminhos da diversidade: Construindo uma escola inclusiva. Tradução de Magda França Lopes. Porto Alegre: Artmed, 2001.
- ELIAS, M. J.; ZINS, J. E.; WEISBERG, R. P.; FREY, K. S.; GREENBERG, M. T.; HAYNES, N. M.; KESSLER, R.; SCHWAB-STONE, M. E.; SHURE, M. B. Promoting social and emotional learning: Guidelines for educators. Alexandria, VA: Association for Supervision and Curriculum Development, 1997.
- ESPELAGE, D. L.; BOSWORTH, K.; SIMON, T. R. Examining the social context of bullying behaviors in early adolescence. *Journal of Counseling & Development*, v. 81, n. 3, p. 326-333, 2003.
- FANTE, C. Fenômeno bullying: Como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz. 2. ed. Campinas: Verus Editora, 2012.
- FREIRE, P. Pedagogia da autonomia: Saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- GADOTTI, M. Pedagogia da terra. São Paulo: Peirópolis, 2000.
- GLAT, R.; BLANCO, L. Educação inclusiva: Cultura e cotidiano escolar. Rio de Janeiro: 7Letras, 2011.
- GOLEMAN, D. Inteligência emocional. Rio de Janeiro: Objetiva, 1995.
- HUESMANN, L. R. The case against media violence. In: SINGER, D. G.; SINGER, J. L. (Eds.). Handbook of children and the media. Thousand Oaks, CA: Sage Publications, 2003.
- LISBOA, C. S. Violência escolar: Um problema social. São Paulo: Cortez, 2018.
- MANTOAN, M. T. E. Inclusão escolar: O que é? Por quê? Como fazer? São Paulo: Moderna, 2003.
- MEC. Programa Nacional de Combate à Intimidação Sistemática (Bullying). Brasília: MEC, 2013.
- MEC. Programa Nacional de Fortalecimento dos Conselhos Escolares. Brasília: MEC, 2014.
- MENDES, E. G. A radicalização do debate sobre inclusão escolar no Brasil. *Cadernos de Pesquisa*, v. 44, n. 153, p. 388-417, 2014.
- MITTLER, P. Educação inclusiva: Contextos sociais. Tradução de Windyz Ferreira Bravo. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2003.



MORIN, E. Os sete saberes necessários à educação do futuro. São Paulo: Cortez, 2000.

OLIVEIRA, C. A. Bullying e cyberbullying: Aspectos jurídicos e sociais. São Paulo: Saraiva Educação, 2019.

OLWEUS, D. Bullying at school: What we know and what we can do. Cambridge, MA: Blackwell Publishers, 1993.

ORPINAS, P.; HORNE, A. M.; BARKER, D. C. School violence prevention strategies that work: Teoria, pesquisa e prática. Tradução de Maria Adriana Veríssimo Veronese. Porto Alegre: Artmed, 2002.

PEPLER, D. J.; CRAIG, W. M.; ZIEGLER, S. Bullying intervention and prevention: A review of research. In: SMITH, P. K.; VOELKER, B. (Eds.). Character education: Teoria e prática. Porto Alegre: Artmed, 2006.

PLETSCH, M. D. Políticas de inclusão escolar: Ações governamentais. Revista Brasileira de Educação Especial, v. 16, n. 2, p. 225-242, 2010.

RIGBY, K. New perspectives on bullying. Philadelphia: Jessica Kingsley Publishers, 2002.

SILVA, A. B. B. Bullying: Mentas perigosas nas escolas. 3. ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2010.

SILVA, R. L. F. Inclusão escolar e bullying: Desafios para a construção de uma escola para todos. Revista Educação Especial, v. 28, n. 53, p. 331-344, 2015.

SMITH, P. K.; MAHONEY, B.; ROBINSON, S.; THOMAS, S. Bullying: A handbook for educators and parents. London: Routledge, 2004.

STAINBACK, S.; STAINBACK, W. Inclusão: Um guia para educadores. Tradução de Magda França Lopes. Porto Alegre: Artmed, 1999.

UNESCO. Behind the numbers: Ending school violence and bullying. Paris: UNESCO, 2019.